

# A comunicação para Ciro Marcondes Filho: sua trajetória no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós

*The idea of communication for Ciro Marcondes Filho: His trajectory in the Working Group on Epistemology of Communication of Compós*

## Tiago Barcelos Pereira Salgado<sup>1</sup>

Doutor e mestre em Comunicação pela UFMG. Pós-doutor em Comunicação pela PUC Minas. Pesquisador colaborador dos grupos de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (CNPq/PUC Minas) e Mediação (CNPq/NucCon/UFMG).

## Maria Ângela Mattos<sup>2</sup>

Doutora em Comunicação pela UFRJ. Ex-docente e ex-pesquisadora do PPGCom e da graduação em Comunicação da PUC Minas. Coordenadora do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e Suas Interfaces (CNPq/PUC Minas). Pesquisadora colaboradora do Mediação (CNPq/NucCon/UFMG).

## Resumo

O artigo investiga a concepção de comunicação e as contribuições para os estudos comunicacionais propostas por Ciro Marcondes Filho em sete textos de sua autoria aprovados no GT Epistemologia da Comunicação da Compós, de 2011 a 2020. A ordenação do texto destaca três eixos principais: a) epistemológico e ontológico, b) metodológico e empírico e c) mobilização de referências e fundamentação teórica. O primeiro evidencia a noção negativa de comunicação do autor, bem como sua impossibilidade. O segundo ressalta o método metapórico do pesquisador e sua dinamicidade para apreender o fenômeno comunicacional como acontecimento comunicacional. Por fim, o terceiro destaca os principais autores citados por Ciro e como eles embasam a concepção de comunicação desse autor, elaborada na década de 2010.

**Palavras-chave:** Ciro Marcondes Filho, Compós, Comunicação.

## Abstract

The paper investigates the concept of communication and the contributions to the studies of communication proposed by Ciro Marcondes Filho in the seven works of this author approved in the Working Group on Epistemology of Communication of Compós from 2011 to 2020. The text highlights three main axes: epistemological/ontological, methodological and empirical treatment, and mobilization of references and theoretical foundation. The first one shows the author's negative notion of communication, as well as its impossibility. The second emphasizes the researcher's "metaphoric method" and its dynamism to apprehend the communicational phenomenon as a communicational event. Finally, the third highlights the main authors cited by Ciro and how they support this author's concept of communication, developed in the decade of 2010.

**Keywords:** Ciro Marcondes Filho, Communication, Compós.

## 1. Introdução

A trajetória de Ciro Marcondes Filho (1948-2020) é marcada por proposições particulares acerca do fenômeno comunicacional, que variam entre a sua possibilidade e a sua impossibilidade. O recém-falecido

(1948-2020) professor titular da Universidade de São Paulo (USP) se graduou tanto em Ciências Sociais quanto em Jornalismo, na USP, no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970. Ciro realizou mestrado em Ciência Política durante a década de 1970, também na mesma universidade, sob orientação do professor bra-

<sup>1</sup> Pesquisador colaborador dos grupos de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1274-1845>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3666565879301548>. E-mail: [tigubarcelos@gmail.com](mailto:tigubarcelos@gmail.com).

<sup>2</sup> Coordenadora do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e Suas Interfaces (CNPq/PUC Minas). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0764-6846>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7610746633747713>. E-mail: [mattos.maria.angela@gmail.com](mailto:mattos.maria.angela@gmail.com).

sileiro Gabriel Cohn. A dissertação teve como título “Elementos para uma estética sociológica – um estudo de Lima Barreto”. O doutorado, por sua vez, foi feito em Frankfurt, na Alemanha, na Universidade Johann Wolfgang Goethe, no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980, sob orientação do professor Dieter Prokop. A tese apresentou o título de “Comunicação, ideologia e dominação”.

O percurso acadêmico de Ciro expressa seus intentos em ser pesquisador em comunicação, evidenciados, ainda, pelos temas que investigou durante a sua formação, voltados para aspectos filosóficos, estéticos, sociológicos e ideológicos dos processos e das manifestações comunicacionais. Como veremos, tais perspectivas direcionaram os seus escritos, apresentados a partir da década de 2010 nos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, a Compós. Este evento nos interessa sobretudo por ser um dos principais da área de comunicação no país e por reunir pesquisadores e pesquisadoras de todo o território nacional em nível de pós-graduação.

Em certa medida, é nesses encontros que Ciro constrói, debate, confronta e apresenta a sua perspectiva comunicacional. Ao longo dos 20 anos de atividade do Grupo de Trabalho (GT) Epistemologia da Comunicação da Compós, desde a sua primeira realização em 2001 até 2020, Ciro teve sete trabalhos aceitos. Dos sete, apresentou apenas seis, pois o sétimo foi submetido e aprovado, mas não contou com a apresentação oral de Ciro, que veio a falecer um mês antes da realização do evento. Os anos em que o professor da USP esteve presente no referido GT foram 2011, 2012, 2013, 2016, 2018, 2019 e 2020. Essa recorrência de apresentações indica constância, relevância e pertinência de sua presença no GT em questão, bem como sequência histórica de construção e consolidação de sua proposta comunicacional.

Durante os encontros da Compós, Ciro travou diversos embates com os demais pesquisadores, principalmente com o professor da Unisinos na época, José Luiz Braga. As trocas argumentativas entre ambos podem ser encontradas nas publicações realizadas pela revista da USP, *MATRIZES*, com os seguintes títulos: “Nem rara, nem ausente – tentativa” (Braga, 2010), “Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga” (Marcondes Filho, 2011b) e “Interação como contexto da Comunicação” (Braga, 2012).

Antes mesmo de sua inserção no referido GT, Ciro já tinha publicado textos acerca da comunicação em revistas acadêmicas da área que, juntos, totalizam 91 publicações, iniciadas na década de 1980, conforme seu currículo

Lattes.<sup>3</sup> É possível sumarizar a sua proposta comunicacional naquilo que ele mesmo nomeia “Nova Teoria da Comunicação”. Esse grande projeto, com fundamentações sobretudo filosóficas, foi divulgado e apresentado por meio da coletânea de mesmo nome publicada pela Editora Paulus, desdobrada em cinco tomos. O primeiro, publicado em 2010, trata da comunicação para os antigos e abarca a fenomenologia e o bergsonismo. O segundo, de 2011, apresenta a Escola de Frankfurt e a Nova Crítica Alemã. O terceiro e o quarto, publicados também em 2011, discutem, respectivamente, o círculo cibernético e a questão do diálogo, do poder e das interfaces sociais da comunicação. O quinto tomo trata do conceito de comunicação e da epistemologia metapórica. O livro foi publicado em 2010, antes dos tomos II, III e IV. Cabe destacar também o *Dicionário de Comunicação* (2009), organizado por Marcondes Filho, e o livro *Teorias da Comunicação hoje* (2020), que sistematizam verbetes e teorias que integram a área de comunicação. No total, Ciro teve 52 livros publicados.

Em função das comemorações dos 70 anos de idade do professor Ciro, a Editora Paulus lançou, em 2018, o e-book *Para comunicar o incomum: escritos em homenagem aos 70 anos de Ciro Marcondes*,<sup>4</sup> com organização de Danielle Naves e Maurício Liesen, orientados por Marcondes Filho em seus respectivos doutorados. A obra reúne textos que homenageiam o docente por sua trajetória como comunicólogo, professor, pesquisador e jornalista. Por fim, é possível identificar um dos últimos textos escritos por Marcondes Filho (2020), com o título “Reabilitando o positivismo: Francisco Rüdiger ‘critica’ a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente”, no qual ele rebate as críticas que lhe são endereçadas no artigo escrito e publicado pelo professor da PUC-RS Francisco Rüdiger, na mesma revista (*Revista Eco-Pós*, UFRJ) e edição (v. 23, n. 3), intitulado “A comunicação como aventura solipsística: sobre a ‘nova teoria’ de Ciro Marcondes Filho” (Rüdiger, 2020).

Como é possível observar, a produção de Ciro é vasta e muito profícua. Para fins deste artigo, delimitamos o nosso *corpus* nos sete textos desse autor aprovados no GT Epistemologia da Comunicação da Compós. Esse recorte integra uma metapesquisa mais ampla, em andamento, acerca dos textos apresentados nesse evento. Como método, realizamos a leitura integral dos textos, buscando identificar historicamente como Marcondes Filho constrói o seu conceito de comunicação por meio de três eixos principais que se articulam mutuamente: a) epistemológico/

3 Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7984648859899240>. Acesso em: 6 abr. 2021.

4 Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/noticias/e-book-re-ne-artigos-em-homenagem-ciro-marcondes-filho>. Acesso em: 6 abr. 2021.

ontológico, com definições de comunicação, b) metodológico e de tratamento empírico, com ênfase no método metapóricico e c) mobilização de referências e fundamentação teórica. Com base nesses três eixos, organizamos este artigo em mais três seções, cada uma dedicada a um eixo. Por fim, as considerações finais ressaltam a importância e a originalidade da proposta comunicacional de *Ciro Marcondes Filho*.

## 2. Epistemologia e ontologia comunicacionais

O conceito de comunicação apresentado por *Marcondes Filho* (2011a) é negativo. O objetivo de sua principal proposta de uma “Nova Teoria da Comunicação” é atualizar a discussão do processo comunicacional, questionando o que de fato significa comunicar. Trata-se de um conceito negativo de comunicação, visto que ela se realiza pela negação e quebra do padrão, bem como pela ruptura e pela dissonância da positividade do estabelecido e do existente, seja no processo comunicacional ou no seu próprio processo de conhecimento.

Conforme a crítica radical aos processos de comunicação de massa e eletrônica, privilegiados pelas análises e teorias comunicacionais, em que tanto o rosto quanto a voz do outro e do humano se perdem, *Marcondes Filho* (2011a) destaca que o conceito de comunicação adotado por ele não privilegia os sujeitos, pois, em princípio, não há sujeitos, e sim “[...] um todo emaranhado de linhas e de ligações – sociais, históricas, políticas, culturais, econômicas, religiosas, subjetivas – e as pessoas são constituídas e constituem esse complexo” (*Marcondes Filho*, 2011a, p. 6). No contexto da comunicação de massas, aspecto que teria envelhecido as teorias da comunicação (*Marcondes Filho*, 2019), o que teríamos, então, é um bombardeamento de sinais e a exaltação do entretenimento, que culminam na “[...] transformação da vida política em espetáculo” (*Marcondes Filho*, 2012, p. 2).

Para o autor, distintamente dos paradigmas clássicos da comunicação (empiricista norte-americano, crítico frankfurtiano, estrutural-semiótico e *cultural studies*), nos quais o humano se torna refém das mídias, definir a comunicação implica reelaborar a relação entre sujeito e objeto, a fim de “[...] ver a comunicação como algo virtual, como mera possibilidade, como ocorrência imprevisível e livre” (*Marcondes Filho*, 2011a, p. 7). Ele também acrescenta que, desde o início do século XX, a fantasia de um distanciamento do real (objeto) para que o sujeito possa observá-lo melhor cai por terra, à medida que surgem formulações de mistura entre sujeito e objeto, o que inviabiliza a pretensão de um conhecimento livre, direto e objetivo das relações humanas e do mundo.

Enquanto ruptura, quebra, dissonância daquilo que existia, incômodo e perturbação, a comunicação se diferencia da informação por “[...] provocar no receptor algum tipo de re-formulação de suas posições, por alterá-lo, por conseguir fazê-lo quebrar de alguma forma sua resistência anterior e interferir na reformulação de suas sensações, percepções, ideias e visões de mundo” (*Marcondes Filho*, 2011a, p. 4). A informação, por seu turno, “[...] tem caráter aditivo; sua função é a de abastecer-nos de dados e elementos necessários ao nosso cotidiano, às nossas decisões e atitudes, à nossa argumentação” (*Marcondes Filho*, 2011a, p. 4). Desse modo, *Ciro* entende que não há nem comunicação e nem informação *per se* porque ambas se manifestam na relação com o outro. Para ele, o que existe, de fato, é uma terceira categoria: o sinal. Este abarca os sons, as imagens, os movimentos, as sensações que são percebidas por meio dos órgãos dos sentidos. Quando chamam a nossa atenção, tais sinais podem ser configurados como informação ou comunicação.

Na esteira de *Palo Alto*, conforme as formulações de *Gregory Bateson* e de *Paul Watzlawick*, *Marcondes Filho* (2010, 2018) diferencia as noções de sinalização, informação e comunicação. A primeira se converte na segunda quando é apreendida pela percepção, ou seja, quando há atenção e interesse por parte de um organismo vivo. Para se tornar comunicação, a informação precisa irromper na percepção como acontecimento comunicacional, sendo capaz de afetar e alterar um estado emocional e perceptivo. Assim, o que a comunicação faz é “[...] alterar quadros anteriores pré-estabelecidos, sejam eles morais, estéticos, políticos ou pessoais” (*Marcondes Filho*, 2011a, p. 4).

Na esteira da cibernética, sobretudo dos postulados de *Niklas Luhmann*, *Marcondes Filho* (2012) compreende que a comunicação se atrela à memória do outro, pelo fato de haver uma “vontade de comunicar” por parte de um eu que tem a frase do outro como resposta e como sentido dessa vontade primeira. Com base em *Luhmann*, na corrente derivada de *Von Foerster*, *Marcondes Filho* (2019) concebe que nenhuma mensagem porta nada, de modo que nenhum sinal carrega qualquer conteúdo.

Assim, *Ciro* se opõe à metafísica da comunicação, tal como *Luhmann*, ao negar que as coisas são comunicadas. Para o autor, perspectivas que assim concebem a comunicação tendem a tratá-la como a transmissão “[...] de algo de A para B, quando, o que defende é que A emite seus sinais e B os decodifica segundo seu próprio processo interno, sendo-nos difícil senão impossível rastreá-lo” (*Marcondes Filho*, 2019, p. 6). Desse modo, *Ciro* entende que nada do que acontece em alguém pode ser transportado a outro alguém. Para ele, então, “[o] que ocorre no interior de cada um de nós é insondável, não pode ser

transferido, transmitido, repassado, sentido” (Marcondes Filho, 2013, p. 4).

Esse fundamento da impossibilidade de transmissão e transporte, ou seja, de troca informacional ou contedutística entre coisas e seres, é a base para Ciro conceber a comunicação como raridade. Nas palavras do autor,

*[a] comunicação é um efeito raro. Em nosso cotidiano, vivenciamos poucas experiências comunicacionais. Nossa vida é marcada por repetições, atos e gestos reflexos, pela vivência do sempre igual em cada diferente dia. Mas não estamos totalmente blindados a provocações comunicacionais (Marcondes Filho, 2013, p. 10-11).*

Para que se manifeste e seja apreendida como alteração, portanto, a proposta de Marcondes Filho (2011a, p. 6) é investigar a comunicação “[...] em seu movimento, em sua mudança, em sua contínua transformação”. Trata-se de indicar as circunstâncias favoráveis à comunicação, sem endurecê-la e limitá-la em uma camisa de força. Com isso, a análise comunicacional deixa em aberto os campos de possibilidade de manifestação do fenômeno comunicacional, em suas ocorrências arbitrárias, espontâneas e livres. A comunicação deve ser investigada, então, para Ciro, em termos de acontecimento, isto é, se acontece ou não.

A proposta comunicacional de Marcondes Filho (2012, 2018) adiciona e trata a alteridade como elemento fundamental para a comunicação. Essa dinâmica também é elaborada como diálogo, conforme a abordagem ofertada pelo filósofo francês Emmanuel Levinas. Com isso, Ciro acrescenta um compromisso ético à definição de comunicação, posto que esse compromisso expande “[...] a relação dialógica, enquanto momento comunicacional” (Marcondes Filho, 2012, p. 4). Logo, o momento comunicacional é o momento de diálogo entre eu e outro, como ocorrência que toma o outro “[...] como mistério, estranhamento, como algo que porta algo que não possuímos” (Marcondes Filho, 2012, p. 10), de modo que é o outro quem possibilita a comunicação. O outro é “[...] o próprio Acontecimento comunicacional, pois, além de se pôr diante de mim, exigindo as operações de afecção e percepção, me faz trepidar pelo seu grau de novidade, de não-memória que ele porta” (Marcondes Filho, 2012, p. 10-11).

Com base nesse entendimento, Ciro define a comunicação como afecção desestabilizadora: “Nossa tese, portanto, é a de que a comunicação é uma afecção que desestabiliza a função cerebral de acoplamento a uma memória anterior, que seria tranquilizante. Ela cria memória” (Marcondes Filho, 2012, p. 11). Na visão do autor,

fundamentada em Henri Bergson, Heinz von Foerster e Dieter Prokop, a comunicação é um efeito de um acontecimento numa trajetória de sensações.

Ao ser percebida, a comunicação nos toca, de modo que algo fala conosco. Conforme a expressão alemã *“geht unter die Haut”*, Marcondes Filho (2016) sustenta que a comunicação é esse toque no mais profundo de alguém, esse algo que “entra debaixo da pele”. Em função disso, não somos mais os mesmos, pois nosso “[...] repertório agora foi acrescido de um fato novo. Que retornará sempre à memória [...]” (Marcondes Filho, 2016, p. 4). Retomando os temas da atenção, da percepção e do interesse, Ciro destaca que “[h]ouve uma espécie de ‘seleção natural’ no meu campo perceptivo onde sobreviveram os produtos culturais mais hábeis” (Marcondes Filho, 2016, p. 4). Dito de outra maneira, nossa atenção se voltou para os sinais emitidos pelos produtos culturais, de modo que nossa percepção os selecionou e se deixou afetar por eles, possibilitando uma alteração perceptiva.

Em síntese argumentativa, o autor frisa o seguinte:

*Se a questão é saber, afinal de contas, o que significa efetivamente comunicar, a única resposta é essa: me marcar de maneira definitiva, instalar-se em mim de forma a desarranjar o que estava arranjado, propondo novas combinações, promover um ato de reordenação interna, em que a nova inserção poderá abrir novos percursos, novas possibilidades, uma nova história dentro de mim. A isso se dá o nome de devir (Marcondes Filho, 2016, p. 4).*

A esse intervalo entre a sinalização, a percepção e a reordenação Ciro chama de “tempo de incubação”, “[...] em que sensações e efeitos entram em conflito com nossas certezas” (Marcondes Filho, 2016, p. 9). Para o autor, o tempo de incubação resume todo o evento comunicacional, que resulta ao final desse processo de transformação. Acerca disso, Marcondes Filho (2016, p. 8) é taxativo, afirmando que essa “[...] é a única comunicação que existe. Ou é essa ou é nenhuma.”

No evento comunicacional, pela via estética, quando alguém recebe ou frui uma obra, como propõe Walter Benjamin, há a ativação da consciência a partir de um choque, “[...] que conduz à surpresa e à ação pensada daquele que recebe” (Marcondes Filho, 2019, p. 5). A título de resumo, o autor sintetiza que

*Comunicação, como sabemos, é um processo que tem a capacidade de promover mudanças de valores, posicionamentos políticos, orientações morais, inclusive uma reordenação de vida na pessoa. É algo que, em contextos normais, não ocorre facilmente. Grandes revolu-*

*ções interiores ocorrem por amadurecimento, choques inesperados de vida ou pela lenta ação de influências externas, momento em que há um episódio de virada em que algo se quebra e, da recomposição, constitui-se uma nova postura. A percepção disso é algo que ocorre no plano do sutil, do sensível, daquilo que nos indica que já não somos os mesmos, que mudamos (Marcondes Filho, 2019, p. 11).*

A perspectiva conceitual acerca da comunicação elaborada por Marcondes Filho foi construída juntamente com a crítica à ciência moderna e com a proposição de um método como procedimento de pesquisa em que se rompe com a precedência do pesquisador, método este denominado de *Metáporo* por *Ciro*. Com base nessa crítica à modernidade, o autor ressalta que, desde o início do século XX, cai por terra a ideia de um distanciamento do pesquisador em relação ao fenômeno investigado. Em suas palavras, “[s]urgem as formulações de que o sujeito e objeto se misturam, se amalgamam, se perdem um no outro, inviabilizando qualquer pretensão de um saber ou um conhecimento livre, direto, objetivo das relações humanas e do mundo” (Marcondes Filho, 2011a, p. 7). Isso não significa, porém, que ambos vivam em situação de igualdade e se anulem mutuamente.

### 3. Metodologia e empiria comunicacionais

No método *metapórico* proposto por *Ciro*, o observador/pesquisador deve deixar em suspenso o conhecimento prévio. Com isso, é capaz de se abrir à comunicação e ao outro, possibilitando-se acessar esse outro e se deixar atravessar por ele. Em decorrência, há uma dinâmica de *metaobjetificação*: “Para o trabalho investigativo, o pesquisador não cerca o objeto, não o comanda, não o controla. Ele é objeto do objeto” (Marcondes Filho, 2011a, p. 7).

Nesse sentido, *Ciro* sugere que, no contexto da pesquisa, o caminho deve ser aberto, sem muretas condutoras, sem vias pré-traçadas, onde a investigação forja sua própria trilha e o pesquisador segue e observa o que acontece ali. Assim, ao invés de se iniciar a pesquisa por uma hipótese, que na visão de *Ciro* pode estar carregada de suposições teóricas, previsões e de uma certa condutibilidade, o pesquisador deve partir da seguinte pergunta: “[n]o contexto ou situação dada constituiu-se a comunicação ou não?” (Marcondes Filho, 2011a, p. 8). Em outras palavras, o pesquisador vai a campo para assistir à ocorrência ou não da comunicação.

Trata-se, pois, de um exercício de observação, que certamente é limitado, visto que o acesso pleno ao outro não é possível. Na concepção do pesquisador,

*[p]esquisas metapóricas dependem fortemente da observação: observação do outro, do ambiente, de si mesmo. Evidentemente, não é possível estar dentro do outro para saber o que ele está sentindo quando recebe a comunicação, mas pode-se captar suas reações físicas para eventuais inferências: as risadas, as mudanças de humor [...], a mudança de expectativas (Marcondes Filho, 2011a, p. 12).*

Ao fazer referência a uma primeira experiência realizada com estudantes de graduação em 2010, que consistiu na saída deles a campo para aplicar o método *metapórico*, Marcondes Filho (2011a) intercala os relatos deles com exemplos de objetos e situações de pesquisa complementados por análises que ele mesmo faz. Uma delas diz respeito às audiências coletivas de produtos culturais ou midiáticos, em que as recepções de espectadores, como um todo, tendem a se sobrepor às reações individuais. Nessa situação, o autor considera que a pesquisa *metapórica* se anula diante da pesquisa clássica de recepção, uma vez que resulta na elaboração de relatórios “frios” de pesquisas. Tais descrições também seriam marcadas por generalizações, pela divisão das pessoas em faixas etárias e outras categorias e, sobretudo, pela ausência de perguntas específicas acerca da qualidade da comunicação. A ocorrência relatada por Marcondes Filho (2011a) foi observada pelos estudantes que acompanharam o filme “Tropa de Elite” e sua repercussão junto aos diversos públicos.

O autor considera que, nessa experiência com estudantes de graduação, o método *metapórico* foi mais fácil e rapidamente apreendido e praticado, diferentemente da experiência com estudantes de pós-graduação e colegas da área, que apresentou certa resistência a novas proposições e a outros modos de ver. Ao se ancorar em uma citação de Thomas Kuhn, extraída de sua clássica obra acerca da estrutura das revoluções científicas, publicada em 1972, o pesquisador faz a seguinte avaliação do posicionamento desse segmento acadêmico: “Certo conservadorismo acadêmico é acionado para reagir defensivamente às inovações [...] esse estar-sempre-se-renovando incomoda boa parte dos pesquisadores. Na academia, reina o espírito de que o capital intelectual é um bem fixo e inalterável [...]” (Marcondes Filho, 2011a, p. 15).

Ao relacionar o método *metapórico* com a sua proposta de instaurar uma “Nova Teoria da Comunicação”, *Ciro* chama a atenção para o fato de que tanto esse método quanto tal teoria se constituem em um ato no qual se realiza a própria comunicação, pois provoca transformações e um novo posicionamento diante dos fatos observados. Trata-se de uma transformação *incorpórea*, ou seja, é o

“algo aconteceu’ que reordena tudo, é a faísca que surge do choque dos corpos” (Marcondes Filho, 2011a, p. 15).

Acerca do metáporo e da “Nova Teoria da Comunicação”, o autor conclui o seguinte:

*Supõe que o pesquisador e pesquisa sejam formas vivas e acopladas aos acontecimentos. “Algo sempre dinâmico, mutável, adaptável continuamente às mudanças de época e de contextos históricos”, como dizia Feyerabend [1991, p. 123]. O “novo” da Nova Teoria não é uma formulação retórica; é um compromisso e uma promessa. É a proposição de operar com aquilo que não envelhece – a nossa vida renovada todos os dias, o presente, o aqui e agora – através de um procedimento atrelado a ela, submisso a ela e que, assim, mantém-se permanente **up to date** (Marcondes Filho, 2011a, p. 16).*

Em outro texto, Marcondes Filho (2013) continua a destacar e a promover o diferencial que a pesquisa metapórica pode oferecer aos estudos comunicacionais. Conforme a visada do Metáporo, o objeto comunicacional é movente. O foco de observação, com base nessa premissa, é o acontecimento comunicacional, que ocorre repentinamente. Nas palavras do autor: “A comunicação não privilegia um único evento. [...] O importante não é a fidelidade ao tema inicial, mas o olhar desperto para ocorrências inesperadas, igualmente ou mais promissoras que o objeto atual” (Marcondes Filho, 2013, p. 1-2).

Em suma, a proposta metapórica de Ciro se anuncia como “[...] nova proposição de pesquisa” (Marcondes Filho, 2013, p. 2), que busca se diferenciar dos estudos convencionais em comunicação por ser menos burocrática, no sentido de que o pesquisador abre mão daquilo que já sabe. Igualmente, o investigador renuncia aos métodos a fim de criar “[...] uma nova relação pesquisador-objeto” (Marcondes Filho, 2013, p. 2).

#### 4. Teoria e referencial comunicacionais

Com base nas críticas aos paradigmas e abordagens clássicas da comunicação, como aos estudos da comunicação de massa, aos estudos culturais ingleses e latinos, à teoria crítica das primeiras gerações da escola de Frankfurt, à escola de Chicago, entre outras, Ciro realiza uma contraposição com outros autores e perspectivas que compõem os seus referenciais de análise e interpretação sobre a comunicação e a pesquisa na área. Como salientado, uma das críticas centrais do autor se refere à ideia de que a comunicação é filha dos estudos sociológicos, sejam teóricos ou empíricos, e não propriamente comunicacionais.

Nessa ótica, ele aponta algumas limitações das teorias clássicas, quais sejam:

- a) a escola de Chicago não se atém ao momento da comunicação, tanto no fragmento de tempo em que ela se dá quanto em seu diagnóstico;
- b) Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, em seus estudos sobre comunicação, consumo, recepção e mediações culturais permanecem no terreno das abordagens sociológicas da comunicação;
- c) o trabalho de Jürgen Habermas realiza um deslocamento frente à sua proximidade anterior com a primeira geração da escola de Frankfurt (Theodor Adorno, Herbert Marcuse, por exemplo). Ainda nesse rol, o autor aponta a fenomenologia (Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty), que também trabalhou a comunicação pela depuração dos condicionantes políticos, sociais e culturais.

*Grosso modo*, os autores mais citados por Ciro são Gilles Deleuze (em quatro textos distintos, com seis obras diferentes, sendo duas em coautoria com Guattari), Emmanuel Levinas (em dois textos distintos, com seis obras diferentes), Henri Bergson (em dois textos distintos, com duas obras diferentes) e Félix Guattari (em três textos distintos, com duas obras diferentes, todas em coautoria com Deleuze). Há predomínio de homens europeus, notadamente franceses. Não há mulheres que sejam mais citadas.

Deleuze é acionado por Marcondes Filho (2012) quando este autor destaca o fato de estudos das ciências da linguagem ou da semiótica ignorarem a questão da recepção, dedicando-se à emissão ou ao signo linguístico. O autor francês também é referenciado por Marcondes Filho (2013) como comentador da obra de Jean-Paul Sartre, com destaque para a noção de movimento. As noções de afectos e perceptos de Deleuze e Guattari são retomadas por Marcondes Filho (2016) para tratar das sensações e percepções. A ideia de “tempo da incubação” de Ciro se baseia na noção de imaginação proposta pelos dois autores franceses, sobretudo por Deleuze, quando se debruça sobre o cinema e o filme. A questão do rosto e do olhar do outro é referenciada em Marcondes Filho (2020).

Daremos destaque para Levinas logo em seguida, com ênfase para o texto de Ciro apresentado em 2012, pois esse escrito sintetiza sua proposta comunicacional e estabelece um diálogo mais evidente entre os referenciais teóricos por ele mobilizados para sustentar sua argumentação e concepção de comunicação. De imediato, cabe acrescentar que Bergson é citado por Marcondes Filho (2012) para embasar sua concepção de processo comunicacional, considerado como um efeito de um acontecimento no

tempo e no espaço. O autor francês também auxilia *Ciro* a refletir acerca da relação entre percepção e memória. A vertente fenomenológica de Husserl e as críticas a ela endereçadas são fundamentadas nos escritos de Bergson, retomados por *Marcondes Filho* (2016), que afirma, ainda, que o pensamento daquele autor francês é atualizado por Deleuze.

Traçando um paralelo com suas perspectivas referenciais, *Marcondes Filho* (2012) também destaca *Martin Buber*, que estuda a interação entre dois agentes, focalizando a questão do diálogo. Assim, no centro do pensamento de *Buber* encontra-se a relação, isto é, o “entre”, mas, diferentemente dos estudos estadunidenses e da escola de Chicago, valoriza-se o instante do processo interacional. Nesse encontro dialógico, *Ciro* salienta que a perspectiva buberiana não o compreende como um processo de recepção, mas sim como um processo de interpenetração entre dois seres, “[...] um nada querendo saber do outro, ou seja, não se colocando, no encontro, nenhum fundamento gnosiológico [...]” (*Marcondes Filho*, 2012, p. 3-4). Trata-se da possibilidade de se participar de uma mesma relação fundamental diática.

Sob esse mesmo olhar, *Levinas* incorpora a noção de comunicação como diálogo, que é acionada por *Ciro* em sua “Nova Teoria da Comunicação”, especialmente ao considerar a relação dialógica como momento comunicacional, valorizando o outro como um sujeito que possibilita a ocorrência da comunicação, à medida que, “[...] abrindo-me a ele, esvaziando o meu ego autossuficiente, o insiro em meu contexto, transformando-me” (*Marcondes Filho*, 2012, p. 4).

Em aproximação com *Buber* e *Levinas*, *Ciro* ressalta que *Georges Bataille* investe na magia da cena comunicacional e considera a comunicação como uma experiência mais ou menos mística, sem palavras, a exemplo dos corpos das pessoas que se perdem no erotismo, no riso, vivenciando uma espécie de contágio. Em outros termos, segundo *Bataille*, a comunicação se dá sem palavras, chegando-se à fusão entre sujeito e objeto mediante um amalgamento pleno. Assim, é a própria experiência que comunica, uma vez que perpassa e atravessa a todos que vivenciam o momento dessa fusão.

Ao se posicionar diante da convergência de pensamento entre os três estudiosos, o autor faz uma analogia com a teoria do não retorno:

*[...] a comunicação não é uma relação de vai e vem, antes, uma relação assimétrica que vai de mim ao outro, mas não tem volta. Bataille diz que o êxtase não é o amor, pois amor é possessão (como também acha Levinas); aqui não há sujeito-objeto, há uma “brecha escancarada” entre um e outro, onde ambos se desfazem. Comunicação mas não*

*de um a outro, pois ambos perdem sua existência (Marcondes Filho, 2012, p. 5).*

Outros pensadores que influenciaram a perspectiva comunicacional de *Marcondes Filho* são *Henri Bergson*, *Heinz von Foerster* e *Dieter Prokop*. Este último orientou a tese de doutorado de *Ciro* na Alemanha. Acorado em *Von Foerster*, *Marcondes Filho* (2012) entende a comunicação como efeito de um acontecimento sobre uma sequência de sensações que um indivíduo sente em um determinado período de tempo, sendo que inicialmente ocorre um impacto inicial sobre seus sentidos. Em suas palavras,

*[eu] ouço um som, eu vejo uma luz, eu sinto algo em minha pele. Trata-se de algo pré-sígnico e pré-ideológico. São as afecções simples, sinais, ou intensidades puras de que fala Von Foerster ou os **fanerons** do nominalismo antigo. A quantidade sentida dessa afecção simples não é nem objetiva, nem subjetiva, nem ativa, nem passiva, ela é simplesmente “tida” (Marcondes Filho, 2012, p. 6).*

Ao tratar a afecção como prazer, como a dor e a emoção que o sujeito sente, *Ciro* explica que ela é o *phatos*, isto é, ela ocorre dentro do corpo e tem um local de ocorrência, que diz respeito ao território da pele. Quando a afecção se torna inofensiva, ela perde a extensão, transformando-se em percepção. Em vista disso, considerando que a memória está sempre acoplada à percepção, o autor chama a atenção para o fato de que afecção e percepção são caminhos opostos, pois enquanto a primeira atinge os órgãos sensoriais e se dirige ao cérebro, na percepção, o cérebro é responsável por enviar as impressões causadas por um acontecimento, como, por exemplo, a picada de uma agulha, refletindo-a e se tornando uma representação. Em *Bergson*, segundo *Marcondes Filho* (2012), a percepção está muito próxima da memória, pois ao mesmo tempo que o indivíduo percebe um objeto, lembra-se também dele. Nesse sentido,

*[e]nquanto apreensão de objetos, meu pensamento é composto de percepções (os objetos que me aparecem) e de memórias (os objetos que estão ausentes). Estes objetos constituem aquilo que Bergson chama de **imagens**. A imagem não é exatamente uma representação, tampouco é a própria coisa, mas algo intermediário entre uma e outra. É a parte virtual de um universo material (Marcondes Filho, 2012, p. 8, grifo do autor).*

Esse universo ou o cenário externo seria o que *Bergson* chama de “percepção pura”, ou seja, algo completo,

universal e impessoal. Quando o indivíduo retira uma parte desse universo, ocorre a realização da percepção, que diz respeito a uma relação do indivíduo com sua história pessoal, pois a percepção é algo individual. Outro conceito importante ancorado em Bergson que sustenta a concepção de comunicação em Ciro se refere à intuição, sendo ela aquilo que torna o ser capaz de vivenciar uma experiência pura, quer dizer, “[...] o sair de si mesmo do ser, a exclusão de seus hábitos, de suas noções adquiridas” (Marcondes Filho, 2012, p. 8).

Com base em tais noções, Marcondes Filho (2012) entende o processo de comunicação como uma relação entre um universo (as imagens, um acontecimento comunicacional), nosso corpo e a ação mútua entre ambos. Em relação ao campo das imagens, por exemplo, submetemo-nos inteiramente a elas quando, pela intuição, elas atingem a alma e as mudanças profundas no ser. No entanto, quando as imagens não conseguem romper com as nossas barreiras e não atingem o campo dos sentidos, da *aisthesis*, elas não provocam embates com as impressões e concepções enraizadas nos sujeitos. No caso da comunicação, o autor considera que podemos ignorar e/ou descartar uma grande quantidade de sinais presentes em nosso cotidiano exatamente porque eles são instantaneamente reconhecidos pela memória, e nós não os consideramos importantes. Para ele, a comunicação só acontecerá, então,

*[...] quando damos alguma importância a algo que vemos, ouvimos, percebemos do ambiente externo, ou seja, quando efetivamente fazemos uma seleção, quando tiramos algo com que queremos nos envolver, seja conscientemente, seja por algum recurso de captura que nos faça nos voltarmos à coisa mesmo sem intenção. Afinal, tudo no mundo (homens, animais, objetos, cenas) emite sinais: alguns, o fazem de forma deliberada, para chamar a atenção, e, de fato, não são apenas afecções, são efetivas percepções. O que fazemos com elas é exatamente a pergunta principal de todo o processo comunicacional (Marcondes Filho, 2012, p. 10).*

## 5. Considerações finais

Ao longo dos sete trabalhos apresentados à Compós, no GT de Epistemologia da Comunicação, Marcondes Filho define a comunicação como negativa e problematiza o que é comunicar. Para ele, a comunicação quebra os padrões estabelecidos, rompe e entra em dissonância com a positividade do existente, seja no processo comunicacional ou no seu processo de conhecimento. A seu ver, não há sujeitos, mas um emaranhado de linhas e de

ligações sócio-históricas, político-culturais e econômicas, religiosas, subjetivas, entre outras.

Marcondes Filho nos revela que a comunicação é rara, pois vivenciamos poucas experiências comunicacionais. Isso o leva a considerá-la como atípica. A comunicação está, ainda, em permanente movimento e transformação. Nesse sentido, o autor nos propõe investigar a comunicação como acontecimento, ou seja, como um efeito no tempo e no espaço. Ciro também considera a alteridade como um elemento fundamental do processo comunicacional, incluindo a dimensão ética na sua definição de comunicação, pois seu contexto é permeado pela relação dialógica entre eu e outro, sendo este quem possibilita a comunicação.

## Referências

- BRAGA, J. L. 2012. Interação como contexto da Comunicação. *Matrizes*, 6(1-2):25-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48048>. Acesso em: 6/4/2021.
- BRAGA, J. L. 2010. Nem rara, nem ausente – tentativa. *Matrizes*, 4(1):65-81. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38276>. Acesso em: 6/4/2021.
- MARCONDES FILHO, C. 2012. A comunicação no sentido estrito e o metáforo ou porque a Nova Teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 21, Juiz de Fora, MG. *Anais...* Juiz de Fora, COMPÓS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1873.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1873.pdf). Acesso em: 9/1/2020.
- MARCONDES FILHO, C. 2011a. De repente, o prédio falou comigo: Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 20, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre, COMPÓS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1656.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1656.pdf). Acesso em: 9/1/2020.
- MARCONDES FILHO, C. 2011b. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga. *Matrizes*, 5(1):169-178. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38314>. Acesso em: 6/4/2021.
- MARCONDES FILHO, C. 2019. Hora de reescrever as teorias da comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 28, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre, COMPÓS.
- MARCONDES FILHO, C. 2020. O olhar como comunidade sensível. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 29, Campo Grande, MS. *Anais...* Campo Grande, COMPÓS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_VUF2NVOCYJZQ85DR59W\\_30\\_8201\\_14\\_02\\_2020\\_12\\_51\\_39.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_VUF2NVOCYJZQ85DR59W_30_8201_14_02_2020_12_51_39.pdf). Acesso em: 9/1/2021.



- MARCONDES FILHO, C. 2018. Pequenas percepções, grandes mudanças: sobre a solidão, o tédio e a angústia dos jovens na era das altas tecnologias. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 27, Belo Horizonte, MG. *Anais...* Belo Horizonte, COMPÓS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2018/trabalhos\\_arquivo\\_EKRK2UNY2J0NZGN-NOFM3\\_27\\_6192\\_29\\_01\\_2018\\_15\\_04\\_27.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_EKRK2UNY2J0NZGN-NOFM3_27_6192_29_01_2018_15_04_27.pdf). Acesso em: 9/1/2020.
- MARCONDES FILHO, C. 2016. Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 25, Goiânia, GO. *Anais...* Goiânia, COMPÓS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/textocomautor\\_3350.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/textocomautor_3350.pdf). Acesso em: 9/1/2021.
- MARCONDES FILHO, C. 2013. Um autômato espiritual pode ser forçado a pensar? Reflexões sobre a capacidade de avaliar os efeitos da comunicação no outro. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 22, Salvador, BA. *Anais...* Salvador, COMPÓS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_2051.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2051.pdf). Acesso em: 9/1/2021.
- MARCONDES FILHO, C. 2020. Reabilitando o positivismo: Francisco Rüdiger “critica” a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente. *Eco-Pós*, 23(3):278-307. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27646/pdf](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27646/pdf). Acesso em: 6/4/2021.
- RÜDIGER, F. 2020. A comunicação como aventura solipsística: sobre a “nova teoria” de *Ciro Marcondes Filho*. *Eco-Pós*, 23(3):253-277. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27433/pdf](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27433/pdf). Acesso em: 6/4/2021.

Artigo submetido em 26-04-2021  
Aceito em 17-10-2021